



SISTEMA DE PRODUÇÃO PARA **SUINOS**



EMBRATER

Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural



EMBRAPA

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA

Vinculadas ao Ministério da Agricultura

FUNDAÇÃO DE PROMOÇÃO SOCIAL

SISTEMA DE PRODUÇÃO PARA SUÍNOS

ARTICULAÇÃO
Pesquisa/Assistência Técnica

Área de Difusão
de Tecnologia

GOIÂNIA-GO
Novembro - 1980

Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.
Sistemas de Produção de Suínos; Goiânia-Go, 1980.
32 p. (Sistema de Produção - Boletim n° 289)

CDU 636.4(817.3)

ÍNDICE	Páginas
Apresentação	05
Introdução	07
Caracterização do Produtor	08
1 - Formação e Reposição do Plantel.....	13
1.1 - Escolha da Raça	13
1.2 - Sistemas de Cruzamento	13
1.3 - Reposição do Plantel.....	14
1.4 - Seleção de Reprodutores.....	14
2 - Cobrição	15
2.1 - Manejo.....	15
2.2 - Instalações	15
2.3 - Profilaxia.....	16
2.4 - Alimentação	16
3 - Gestação	17
3.1 - Manejo	17
3.2 - Instalações	17
3.3 - Profilaxia	17
3.4 - Alimentação	18
4 - Parto	18
5 - Lactação	19
5.1 - Manejo	19
5.2 - Profilaxia	20
5.3 - Alimentação	20
5.4 - Desmame	20

6 - Recria	21
6.1 - Manejo	21
6.2 - Instalações	21
6.3 - Profilaxia	21
6.4 - Alimentação	22
7 - Terminação	22
7.1 - Manejo	22
7.2 - Instalações	22
7.3 - Alimentação	23
8 - Localização das Instalações	23
8.1 - Escolha da Área	23
8.2 - Tipo de Construção	23
8.3 - Orientação Magnética	23
9 - Instalações e Equipamentos Auxiliares	24
9.1 - Depósito de Ração	24
9.2 - Reservatório D'água	24
9.3 - Farmácia	24
10 - Dejetos	24
11 - Máquinas e Equipamentos	25
12 - Higiene e Desinfecção	25
12.1 - Higiene	25
12.2 - Desinfecção	26
13 - Controle Zootécnico e Contábil.....	27
- Determinação dos Custos.....	28

APRESENTAÇÃO

Em novembro de 1980, foi elaborado o presente sistema de Produção de Suínos, com a participação de pesquisadores, extensionsistas e produtores.

O referido documento caracteriza a situação atual da suinocultura tipo carne do Estado de Goiás e estabelece tecnologias e metas a serem perseguidas pela extensão rural com o objetivo de promover a sua expansão, o que representa uma alternativa mais rápida para a produção de carne.

O estabelecimento das metas e do pacote tecnológico, resultou do consenso de idéias de todos que participaram na sua elaboração, visando obter um documento real, útil e exequível no processo de incremento da suinocultura goiana.

Finalmente, por ser a suinocultura do Estado de Goiás relativamente nova, resolveu-se elaborar um Sistema único de Produção, cabendo a assistência técnica, fazer as adaptações e propor alternativas dentro das variáveis apresentadas, objetivando atender os diversos níveis de produção.

INTRODUÇÃO

O início da suinocultura em Goiás, deu-se praticamente após o advento da Peste Suí na Africana. Dado as condições favoráveis, o Estado vem experimentando um grande desenvolvimento nesta atividade, só não conseguindo melhores índices de expansão devido as restrições creditícias ora vigentes.

O milho, cereal básico na alimentação suinícola e que compõe em média 70% das rações balanceadas, é produzido em grande escala no estado de Goiás, fator importante na produção de carne suinícola.

SITUAÇÃO ATUAL

O rebanho suíno concentra-se, em maior escala, junto às regiões metropolitanas de Goiânia e Anápolis. Há porém, uma tendência de se expandir mais acentuadamente ao longo do eixo Itumbiara, Goiânia e Brasília.

De acordo com levantamento dos suinocultores tecnificados, realizado pela EMATER-GO, em 1980, Goiás apresenta nas áreas de concentração desta atividade, um total de 76 criadores com uma produção anual de 5292 toneladas de carne.

A comercialização dá-se através das vias tradicionais, com boa parte dos produtores vendendo seus animais em pé aos intermediários ou, diretamente a açougueiros e casas de carnes que abatem e comercializam o produto.

CARACTERIZAÇÃO DO PRODUTOR

Os produtores em Goiás, possuem nível médio de instrução, visam lucro econômico e contábil, mostram interesse por tecnologia mais apurada e por literatura técnica.

Os sistemas de criação utilizados são o semi-confinamento e o confinamento total, com predominância para o último.

As raças mais utilizadas no Estado são Large-White, Landrace, mestiços dessas duas raças, híbridos industriais e em menor escala, Duroc-Jersey e Wessex.

A alimentação fornecida aos suínos, consiste basicamente de concentrados protéicos e milho, sendo que grande parte dos produtores produzem este último nas propriedades. Aproximadamente 50% dos produtores fornecem verde picado, em todas as fases de criação, com exceção da maternidade e creche.

Na maioria das propriedades, a explo

ração suinícola é considerada atividade secundária, e não é feito o escalonamento da produção, ocasionando em determinadas épocas, sérios problemas para abrigar os animais produzidos.

Nas cobrições, em geral, são feitas 2 a 3 montas por cio, sendo que a maioria dos suinocultores leva a fêmea ao macho. Detectou-se uma certa falta de conhecimento quanto ao momento ideal da cobrição.

Com referência aos cuidados com leitões, fazem limpeza dos mesmos, procedem o corte e a desinfecção do umbigo, corte das presas, orientam a primeira mamada, aquecem os leitões nos primeiros dias, administram ferro e alguns suinocultores fazem o corte de cauda. Não se procede a eliminação de leitões raquíticos.

Como cuidados sanitários, são feitas vacinações contra Peste Suína Clássica, Pneumoenterite (esta última em uma dose aos 7 dias, ou duas doses, aos 7 e 15 dias), vermifugações de 6 em 6 meses para adultos e uma única aplicação nos leitões. Inexiste o controle de Brucelose, Leptospirose e Tuberculose.

A desinfecção das instalações não é feita sistematicamente, sendo que alguns produtores lavam as mesmas diariamente.

A principal causa de mortalidade é provocada por diarreia em lactentes.

Na escolha dos reprodutores para a formação do plantel, alguns suinocultores adquirem animais oriundos de granjas especializadas e os demais adquirem animais sem nenhum controle, devido a escassez de reprodutores no mercado e desconhecimento de critérios para a escolha de um bom animal.

A reposição do plantel, é feita geralmente com fêmeas do próprio rebanho, sendo que a importação de matrizes ocorre em menor escala. Existem ainda, os produtores que trocam os cachaços entre si.

As instalações, em geral, são compostas de um armazém, abrigo para reprodutores, maternidade-creche e abrigo de recria e terminação. Em algumas regiões utilizam apenas um galpão para todos animais. As construções são de alvenaria, com piso cimentado, cujo declive varia entre 2% e 5%. A altura do pé direito gira em torno de 2,0m. A cobertura é geralmente feita com telhas francesas, existindo também coberturas feitas com telha de amianto. As maternidades são em gaiola, usando-se na maioria das granjas o sistema de creches, com 2 a 3 leitegadas com as

respectivas mães por unidade. A orientação mag
nética das instalações segue o sentido Leste-Oes
te.

O tamanho médio dos plantéis está em
torno de 50 matrizes por produtor.

A comercialização, nas granjas próxi
mas aos grandes centros, geralmente é feita dire
tamente com açougues, sendo que nas regiões mais
afastadas a mesma é processada através de inter
mediários.

Os índices de produção atuais e pre
vistos, são apresentados no Quadro I.

QUADRO I - Situação Atual e Prevista da Suinocultura no Estado de Goiás, 1980.

Índices Zootécnicos	Unidade	Atual	Metas
. Nº leitões vivos p/parto	cab.	9,0	10,0
. Nº partos porca/ano.	parto	1,5	1,8
. Mortalidade até a desmama	%	20,0	18,0
. Mortalidade da desmama ao abate.	%	2,0	2,0
. Idade à desmama	dias	42	42
. Nº leitões terminados porca/ano.	cab.	10,5	13,0
. Idade ao abate.	dias	180	180
. Peso ao abate	kg.	90,0	95,0
. Conversão Alimentar do rebanho.	kg.	-	4,1
. Fertilidade do rebanho	kg.	-	80,0
. Reposição do plantel - fêmeas.	%	15	25,0
. Reposição do plantel - machos.	%	-	33,0
. Idade da 1 ^a cobertura.	meses	8,0	8,0
. Vida útil do varrão.	anos	4,5	3,0
. Vida útil da matriz.	parto	6,0	5,0

RECOMENDAÇÕES TÉCNICAS

1 - Formação e Reposição do Plantel.

1.1 - Escolha da Raça.

As fêmeas mais indicadas são as das raças Large-White, Landrace, mestiças dessas duas raças e híbridos industriais. Para a escolha dos machos, recomenda-se as raças Landrace, Large-White e opcionalmente Duroc, devendo os machos cobrir fêmeas de raças diferentes quando a finalidade é especificamente o abate.

1.2 - Sistemas de Cruzamento.

Pode-se utilizar cruzamentos simples (duas raças diferentes), ou triplos (3 raças diferentes), sendo o produto final destinado ao abate. Como exemplo de cruzamento simples temos:

- . Macho Landrace x fêmea Large-White.
- . Macho Large-White x fêmea Landrace.
- . Macho Duroc x fêmea Large-White.
- . Macho Duroc x fêmea Landrace.

Como exemplos de cruzamento triplo temos:

- . Macho Duroc x F_1 (Landrace - Large-White).
- . Macho Duroc x F_1 (Large-White - Lance).

1.3 - Reposição do Plantel

A reposição de reprodutores de um plantel, deverá ser feita através da aquisição em granjas especializadas, tendo os animais preferencialmente o Registro Genealógico, ou poderá ser feita através de seleção nas granjas que explorem raças puras, sendo os animais separados na fase final do crescimento.

A taxa de reposição de matrizes deve ser de 25% ao ano e a de machos de 33% no mesmo período, observando-se a proporção de um macho de reserva em granjas com menos de 50 matrizes.

1.4 - Seleção de Reprodutores.

Na aquisição de reprodutores, deve-se escolher animais sem defeitos genéticos (tais como: Monorquidismo, hipoplasia testicular, tetas invertidas, menos de 6 pares de tetas, presença de hérnia), com boa harmonia visual (cabeça leve, dorso suavemente convexo, linha ventral reta, possuir o animal, uma forma de cunha, ficando a parte mais larga da cunha na porção posterior do animal); bons aprumos e devem ser acompanhados de atestado negativo contra Brucelose e atestado de vacinação contra Peste Suína.

Os machos devem ser filhos de matrizes que tenham controle de produção.

2 - Cobrição

2.1 - Manejo

A idade ideal para a primeira cobertura é após os 8 meses de idade, quando a marrã atinge 110-120 kg de peso vivo. Deve-se desprezar os primeiros dois cios, e cobri-la ao terceiro. Os machos devem ser utilizados a partir do 10º mês.

A cobertura deverá realizar-se nas horas mais frescas do dia, 12 a 24 horas após o reflexo dorsal ser positivo, e a fêmea deverá ser levada até a baia do cachaço.

12 horas após a 1ª cobertura deverá fazer-se uma segunda cobrição, de preferência trocando-se de cachaço.

Para que se escalone a produção em vendas mensais, formam-se seis grupos de matrizes, sendo que a cada mês cobre-se um grupo.

2.2 - Instalações

Para a cobrição, as instalações devem ser de alvenaria, e o piso cimentado, com declive de 4% a 5%.

A baia das fêmeas em espera deverá ficar o mais próximo possível da baia do(s) cachaço(s).

As fêmeas em cobertura devem ter uma área útil de $2,0\text{m}^2$, colocando-se 6 a 10 matrizes por baia.

As paredes da baia das fêmeas deverão ter 1,0m de altura.

A baia do cachaço terá uma área útil de $8,0\text{m}^2$ com paredes de 1,5m de altura.

Poderão ser utilizados bebedouros dos tipos chupeta, concha ou vaso comunicante.

Opcionalmente serão utilizados piquetes gramados para recuperação de cascos.

2.3 - Profilaxia.

As marrãs de reposição deverão ser everminadas antes da cobertura. Deve-se proceder exame sorológico de Brucelose nas fêmeas desmamadas, marrãs e cachaços.

Os cachaços serão everminados duas vezes por ano, e vacinados periodicamente contra Peste Suína.

2.4 - Alimentação

A alimentação deverá ser controlada, fornecendo-se aos animais 2,0 kg de ração/cabeça /dia, que serão divididos em duas refeições, tan

to para as matrizes, quanto para os cachorros.

Os animais nesta fase, poderão receber além da ração, uma porção de verde picado.

3 - Gestação

3.1 - Manejo

Após a confirmação da prenhes, as matrizes serão transferidas para as baias de gestação, em lotes de 6 a 10 matrizes por unidade, conforme o controle de cobertura mensal. Nesta fase, deve-se evitar Stress de qualquer natureza, mantendo-se o ambiente mais calmo possível.

Na semana que antecede o parto, a porca deverá ser lavada com água e sabão, desinfetada e conduzida à maternidade, que deverá estar previamente esterilizada.

3.2 - Instalações.

As mesmas especificações das baias de cobrição.

3.3 - Profilaxia.

Everminar as matrizes com vermífugo de amplo espectro 15 dias antes do parto. Proce

der a vacinação contra Peste Suína e Pneumoente
rite, respectivamente 30 a 15 dias antes do par
to. Combater Sarnas e Piolhos conforme a inci
dência.

3.4 - Alimentação

Fornecer verde picado e 2 kg de ração
balanceada distribuídos em 2 refeições.

4 - Parto

Nos três dias que antecederem o parto,
pode-se substituir até 20% do milho por farelo
de trigo e dar verde picado à vontade. No dia do
parto, a alimentação deverá ser totalmente suprimi
da, permanecendo a fêmea exclusivamente em dieta
hídrica.

O parto sempre deverá ser assistido
por uma pessoa treinada. Caso o parto apresente
se difícil, deve-se aplicar na porca um produto
a base de oxitocina, e havendo posterior compli
cação no parto chamar imediatamente um médico ve
terinário.

A medida que os leitões forem nascen
do, proceder a limpeza dos mesmos, enxugá-los, a
marrar, cortar e desinfetar o umbigo, colocá-los

FUNDAÇÃO DE PROMOÇÃO SOCIAL

em uma fonte de aquecimento, cortar as presas e a cauda e proceder a pesagem e mensagem. A seguir deve-se orientar a primeira mamada, colocando os leitões mais fracos nas tetas peitorais.

Após o parto, proceder à limpeza da porca e da maternidade, substituindo-se a cama que ficar suja ou úmida.

5 - Lactação

5.1 - Manejo

Fornecer cama para os leitões, sendo a mesma feita de maravalha, palha de arroz ou palha de milho proveniente de colheitadeira.

Durante a primeira semana, manter - o aquecimento dos leitões através de lâmpada de 100 ou 200 watts, ou mesmo lâmpada de gás.

Se o número de leitões nascidos for superior ao número de tetas da mãe, pode-se transferir os leitões excedentes para outras porcas.

Os machos deverão ser castrados entre o 7º e o 10º dia de vida.

No 7º dia de vida dos leitões, iniciar peletizada, que prolongar-se-á até o 60º dia, com teor de proteína bruta de 20% a 22%.

Caso as fêmeas em lactação apresentem casos de mastite, deve-se aplicar antibióticos de largo espectro.

5.2 - Profilaxia

No terceiro dia de vida da leitegada, aplicar 200 mg. de ferro dextrôgiro em cada animal.

Aos 15 dias, deve-se vacinar os leitões contra Pneumoenterite e aos 40 dias deve-se aplicar a vacina contra Peste Suína e vermífugo injetável.

5.3 - Alimentação

A ração para porcas com mais de 8 leitões em aleitamento, deve ser dada à vontade. Quando houver menos de 8 leitões na leitegada, a fêmea deverá receber diariamente 2 kg. de ração para manutenção e mais 0,3 kg. de ração por leitão lactente.

5.4 - Desmame

O desmame processar-se-á no 42º dia de vida dos leitões. No 38º dia de aleitamento começa-se a diminuir a quantidade diária de ração da porca, de modo que no 42º dia a mesma receba apenas 1 kg. de ração.

Retira-se, então, a porca para a baia de cobrição, enquanto que os leitões permanecerão na maternidade até o fim da fase inicial.

6 - Recria

Entende-se por recria a fase que vai dos 60 aos 120 dias de vida dos leitões.

6.1 - Manejo

Para evitar canibalismo, recomenda-se formar lotes uniformes de 16 a 24 animais por baia e nestas, pendurar correntes para os leitões desgastarem os dentes. A cada saída de lotes, desinfetar as baias.

6.2 - Instalações

As construções devem ser de alvenaria, e o piso cimentado com declive de 4% a 5%. A área útil nestas instalações, deverá ter de 0,80m² a 1,00m² por animal. As paredes da baia deverão ter 0,80m de altura e os bebedouros que podem ser tipo chupeta, concha ou vaso comunicante, deverão ficar a uma altura de 0,30m do piso.

6.3 - Profilaxia

Os lotes deverão ser everminados no

final da recria, usando-se preferencialmente pro dutos por via oral. Os ectoparasitas deverão ser combatidos quando for necessário.

6.4 - Alimentação

Nesta fase deverá ser usada ração ba lanceada de crescimento, com 16% de proteína bru ta, a base de milho e concentrado.

A ração deverá ser colocada à disposiç ão dos animais em cochos automáticos, para que os mesmos comam à vontade.

7 - Terminação

Entende-se por terminação a fase que vai dos 120 aos 180 dias de vida dos leitões.

7.1 - Manejo

Devem-se manter uniformes, os lotes formados na recria. Abater os animais com 95 kg de peso vivo, o que deverá ocorrer até 180 dias.

7.2 - Instalações

As construções devem ser de alvenaria, e o piso cimentado com declive de 4% a 5%. As pa redes das baias deverão ter 0,80m de altura. Usar 1,0 - 1,5m² de área útil por animal. Os be

bedouros devem ser preferencialmente os do tipo chupeta, podendo ser usados também os bebedouros tipo concha ou vaso comunicante.

7.3 - Alimentação

Usar ração balanceada à vontade, com 12% de proteína bruta, a base de milho e concentrado.

8 - Localização das Instalações

8.1 - Escolha da área.

A suinocultura deverá localizar-se em local isolado na propriedade, separada de outras criações, de fácil acesso e devem ser verificadas as possibilidades de água de boa qualidade e de uso exclusivo da granja.

8.2 - Tipo de Construção

Em criações de até 24 matrizes, construir um bloco único. Acima desse número, construir 3 galpões, sendo um para maternidade, um para recria e um para terminação.

8.3 - Orientação Magnética

O eixo do maior comprimento do galpão deverá ser orientado no sentido Leste-Oeste.

9 - Instalações e Equipamentos Auxiliares

9.1 - Depósito de Ração

O tamanho do depósito deverá ser calculado a base de 11m^3 por matriz instalada, acrescentando-se uma área de 12m^2 para funcionamento da fábrica de ração.

9.2 - Reservatório D'água

Para consumo diário, considerar 100 litros d'água por matriz instalada. O depósito deverá ter capacidade para servir a granja durante dois dias, no mínimo.

9.3 - Farmácia

Deverá ser construída uma pequena farmácia que deverá conter: seringas, agulhas, esterilizador, alicate para corte de presas, moador, fichas de controle, medicamentos de uso mais frequente, desinfetantes, etc. Por medida de economia, a farmácia poderá ser construída anexa ao depósito de ração.

10 - Dejetos

Os dejetos deverão ser captados por meio de canaletas e caixas a serem distribuídas

em lagoas ou tanques de decantação.

O esterco poderá ser vendido a horticultores, usado no abastecimento de biodigestores, na criação de peixes e adubação de lavouras.

11 - Máquinas e Equipamentos

A granja deverá ter:

- . Carrinhos de transporte
- . Carroça de tração animal
- . Triturador de 10 a 12,5 HP*
- . Misturador de ração de 3 HP*
- . Pulverizador manual ou motorizado
- . Lança chamas
- . Aquecedores de leitões
- . Balança para pesagem de leitões
- . Balança para pesagem de terminados
- . Enxadas
- . Vassouras

* - Motores elétricos para trocar máquinas em uma granja de 50 matrizes.

12 - Higiene e Desinfecção

12.1 - Higiene

Restringir ao máximo as visitas a granja. Proceder exame de saúde dos empregados. Os empregados e visitantes ao entrarem na granja de

verão tomar banho e vestir roupas adequadas e bo
tas de borracha.

Varrer diariamente as instalações, que
deverão ter pedilúvio com espuma e desinfetante
na entrada e saída. Construir um rodolúvio com
5m. de comprimento na entrada da granja.

12.2 - Desinfecção

A cada saída de lotes, deverá ser fei
a desinfecção das baias. Esta desinfecção deve
rã durar no mínimo três dias e deve ser feita da
seguintes maneira: proceder a limpeza e lavagem
dos equipamentos, paredes e piso e deixar secar
por um dia. Pulverizar com desinfetantes de
princípios ativos diferentes. Por último, deve-
se caiar toda a instalação.

A desinfecção das maternidades será
feita do mesmo modo, a cada utilização.

13 - Controle Zootécnico e Contábil

O controle zootécnico e contábil deve ser feito através de fichas de controle do rebanho e de contabilidade simples, para isso é necessário um arquivo que contenha as seguintes fichas:

- . Controle do macho
- . Controle da criadeira
- . Controle de recria e terminação
- . Controle do rebanho
- . Controle de gastos mensais
- . Controle de receitas

DETERMINAÇÃO DOS CUSTOS

A - Rebanho de Reposição

Nº de Matrizes: 12

Nº de Reprodutores: 01

Valor das instalações: Cr\$75.000,00

Especificação	Unid.	Quant.	Valor - Cr\$
1- Reprodutores			
. Matrizes (25%)	nº	12	67.200,
. Machos (33%)	nº	01	15.000,
2- Alimentação			
. Concentrado	kg.	561	11.388,
. Milho	kg.	2.558	25.580,
. Verde	kg.	-	-
3- Sanidade			
. Sarnicida	gr.	50	88,
4- Instalações			
. Depreciação	%	05	3.750,
5- Mão de obra	horas	146	6.997,
Total das Despesas	-	-	130.003,

B - Rebanho de Produção - Da Cobertura até a Desmama

Nº Matrizes: 50 - Valor das Instalações - Cr\$626.000,

Nº Reprodutores: 03 - Valor dos Equipamentos- Cr\$128.000,

Especificação	Unid.	Quant.	Valor - Cr\$
1- Alimentação			
. Concentrado (40,5% PB)	kg.	8.221	68.234,
. Milho	kg.	40.138	401.380,
. Ração inicial	kg.	18.375	337.640,
. Verdes	kg.	38.000	1.000,
2- Sanidade			
. Vacina c/Peste Suína	dose	838	10.894,
. Vacina c/Paratifo	dose	835	935,
. Vermífugo injetável	dose	841	2.530,
. Teste Brucelose	nº	53	2.650,
. Sarnicida	gr.	400	265,
. Ferro Dextrano	dose	735	5.512,
. Antibiótico	frasco	15	1.600,
. Desinfetante	litros	08	1.856,
3- Instalações			
. Depreciação	%	05	31.300,
4- Equipamentos			
. Depreciação	%	20	25.600,
5- Mão de Obra	hora	1.756	84.000,
6- Despesas			
. Sub-Total	-	-	975.796,
1/6 valor de A	-	-	21.667,
Total	-	-	997.463,
7- Vendas			
. Leitoes desmamados	nº	735	997.463,

C - Rebanho de Acabamento.

Nº de Animais: 735

Valor Inicial dos Animais: Cr\$997.463,00

Valor das Instalações: Cr\$990.000,00

Especificação	Unid.	Quant.	Valor - Cr\$
1- Alimentação			
. Concentrado protéico	kg.	37.440	760.032,
. Milho	kg.	200.160	2.001.600,
2- Sanidade			
. Sarnicida	gr.	550	696,
. Antibióticos	frascos	150	7.000,
. Desinfetantes	litro	03	696,
3- Instalações			
. Depreciação	%	05	49.500,
4- Mão de Obra	hora	1.024	48.947,
5- Despesas			
. Sub-Total	Cr\$	-	2.868.746,
. Valor dos animais	Cr\$	-	997.463,
Total	-	-	3.866,209,
6- Venda dos Leitões	nº	723	4.048.800,
Descartes	nº	13	106.666,
Total	-	-	4.155.466,

ENTIDADES E PARTICIPANTES

CENTRAL DE SUINOCULTURA:

- 01. Antonio Espírito Santo Corrêa
- 02. Mário Rodrigues

EMATER-GOIÁS:

- 03. Benedito Machado
- 04. Carlos Edvino Mundel
- 05. Claudio Henrique de Carvalho
- 06. Lenir Edigar Gomide
- 07. Mauro Cesar Rodrigues
- 08. Narlon Aguiar de Magalhães
- 09. Olympio Carlos Moreira
- 10. Otto Landeiro Filho
- 11. Raymundo Candido de Rezende

EMATER-MINAS GERAIS:

- 13. José Aparecido Freire

EMBRAPA - CNPSA (Concórdia-SC)

- 14. Carlos Claudio Perdomo
- 15. Paulo Roberto Souza da Silveira

EMGOPA:

- 16. José Rodrigues Dâmaso

FUNDAÇÃO DE PROMOÇÃO SOCIAL

PRODUTORES:

17. Adherbal, Cunha
18. Claudio Antonio Girolodo
19. João Evangelista
20. José Abdala Baday
21. Luiz Antonio Bastos Conceição
22. Marcus Motta Arantes
23. Neuzair de Souza Chaves.